

Colônia Rola Bola – Reconhecendo outras Brincadeiras

EMEF Otoniel Mota

Leandro Rodrigo Santos de Souza

A escola EMEF Otoniel Mota, está localizada na região sul do município de São Paulo, a escola atende alunos e alunas do 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O projeto “Colônia Rola Bola – Reconhecendo Outras Brincadeiras”, desenvolvido na *perspectiva cultural*¹, contou com a participação de oito turmas (quatro turmas de 8º ano e quatro de 9º ano)². Iniciado em Fevereiro de 2015 e concluído em Julho do mesmo ano.

Os objetivos do trabalho: reconhecer os repertórios de brincadeiras dos educandos e da comunidade local; compreender diversas brincadeiras, suas regras, origens, locais em que ocorrem; vivenciar diversas brincadeiras na instituição escolar; perceber os objetivos das brincadeiras em determinados épocas; e principais personagens das brincadeiras.

Desenvolvimento

Neste ano de 2015, a escola completa 40 anos de funcionamento e durante o planejamento anual, os professores de todos os ciclos³ foram orientados que pensassem ações que contemplassem essa data festiva e proporcionem momentos para a discussão sobre identidade e pertencimentos dos educandos.

Ainda no planejamento, questionaram os professores que atuam no *Ciclo Autoral*⁴ (7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II) de como cada área de conhecimento poderia colaborar para a construção do *Trabalho Colaborativo de Autoria*⁵ (TCA) dos educandos. Foi considerado no diálogo entre os professores do ciclo, que um estudo aprofundando sobre o personagem “Otoniel Mota”, personagem ao qual a instituição foi nomeada e também um estudo sobre a própria instituição, seus ex-alunos e comunidade local. Com a decisão de estudar a própria instituição, me posicionei que as aulas de educação física poderiam colaborar estudando as

¹ Perspectiva que tem como princípios: *Justiça Curricular; Ancoragem Social de Conhecimento; Evitamento do Daltonismo Cultural; Reconhecimento da Cultura Coporal; e Descolonização do Currículo.*

² Sendo quatro turmas do período matutino (8º ano A e B e 9º A e B) e outras quatro do vespertino (8º anos C e D e 9º anos C e D).

³ Alfabetização (1º ao 3º ano), interdisciplinar (4º ao 6º) e autoral (7º ao 9º).

⁴ Esse ciclo se caracteriza pela construção de conhecimento a partir de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social e se concretiza com o Trabalho Colaborativo de Autoria – T.C.A. – elaborado pelo aluno e acompanhado sistematicamente pelo professor orientador de projeto. Nota Técnica nº6 – Programa Mais Educação de São Paulo.

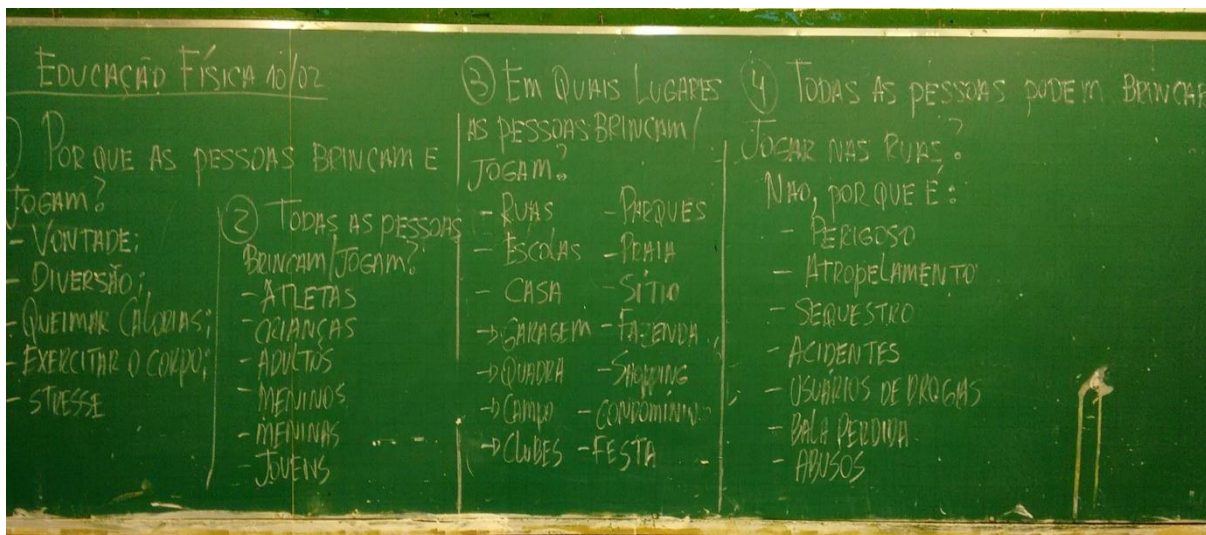
⁵ A elaboração do T.C.A, concebido como sistematização dos projetos e pesquisas realizados ao longo do Ciclo Autoral e idealizado como forma de devolutiva à problematização da comunidade local, levando em consideração: 1) a formação de identidade; 2) Saber intervir no mundo; e 3) Participação de forma compartilhada. Nota Técnica nº6 – Programa Mais Educação de São Paulo.

brincadeiras pertencentes à cultura corporal da comunidade, pois percebi nos comentários dos educandos durante o ano letivo de 2014, as aulas de educação física sempre foram centradas na prática do futebol - rola bola.

Tendo o objetivo de mexer nesse cenário colonizado pelo futebol/rola bola e também pela falta de investimento e de materiais nas aulas de educação física, nos primeiros dias de aula conversei com educandos sobre o que foi tratado no planejamento. Já nas aulas seguintes, realizei o mapeamento com objetivo de identificar as manifestações corporais de movimento, conhecidas e/ou vivenciadas pelos educandos tanto no ambiente escolar e fora dele.

Durante o mapeamento os educandos citaram diversas brincadeiras e esportes – futebol, elástico, amarelinha, cabo de guerra, queimada, rouba-bandeira, bolinha de gude, pipa, pião, pega-pega, duro-mole, esconde-esconde, taco, basquete, vôlei, skate, tênis, pular corda, diversos jogos eletrônicos entre outros.

Agora conhecendo as brincadeiras e esportes que compõe o repertório da cultura corporal dos alunos e alunas, queria entender o olhar dos educandos sobre as brincadeiras, ou seja, o que levam as pessoas a brincar e jogar? Ou o que impedem as pessoas jogarem ou brincarem? Então realizei algumas perguntas para as turmas: 1) Por quais motivos as pessoas brincam e/ou jogam? 2) Quem são as pessoas que brincam e/ou jogam? 3) Em quais lugares as pessoas brincam e/ou jogam? 4) Todas as pessoas podem brincar e/ou jogar nas ruas?



Questões e algumas respostas dos educandos registradas no quadro

Para os educandos as pessoas brincam e praticam esportes pelos seguintes motivos: vontade, diversão, queimar calorias, exercitar o corpo, stress, tédio, lazer, animar, up grade, auto-estima e outros. Também responderam que todas as pessoas podem brincar e jogar (dentre elas estão incluídos os atletas, crianças, adultos, meninos, meninas e jovens). Já quanto aos lugares que as brincadeiras e jogos ocorrem citaram diversos lugares – ruas, parques, escolas,

praias, casas, sítios, garagens, fazendas, quadras, shoppings, campo de futebol, condomínio, clubes, festas e outros. Quanto a questões se todas as pessoas citadas poderiam brincar na rua, a resposta foi unânime - **não!** As justificativas foram as seguintes: Por que é perigoso; corre o risco de atropelamento, sequestros, acidentes, ser roubado por usuários de drogas, ser atingido por uma bala perdida ou ser vítima de abusos sexuais.

Embora seja notável na fala dos alunos e alunas, que o brincar e o jogar são alimentados pelos discursos de que brincar e jogar é bom para saúde e que não passa do lazer, também é notável que o brincar, praticar esportes e outras atividades físicas nas ruas é algo desastroso e de extrema periculosidade. Com esta observação perguntei para eles se todos já tinham brincado na rua, todos afirmam que sim e alguns ainda brincam. Então perguntei onde está o perigo? Eles disseram é a violência. Com isso fiquei pensando como poderia abordar nas próximas aulas as informações coletadas. Enquanto a isso, para as aulas seguintes solicitei que cada educando sugerisse e apresentasse para a turma as brincadeiras e esportes conhecidos por eles, para que nós vivenciásemos nos espaços disponíveis da instituição.

As três aulas seguintes foram destinadas para as vivências das brincadeiras - queimada, cabo de guerra e pular corda.



Queimada

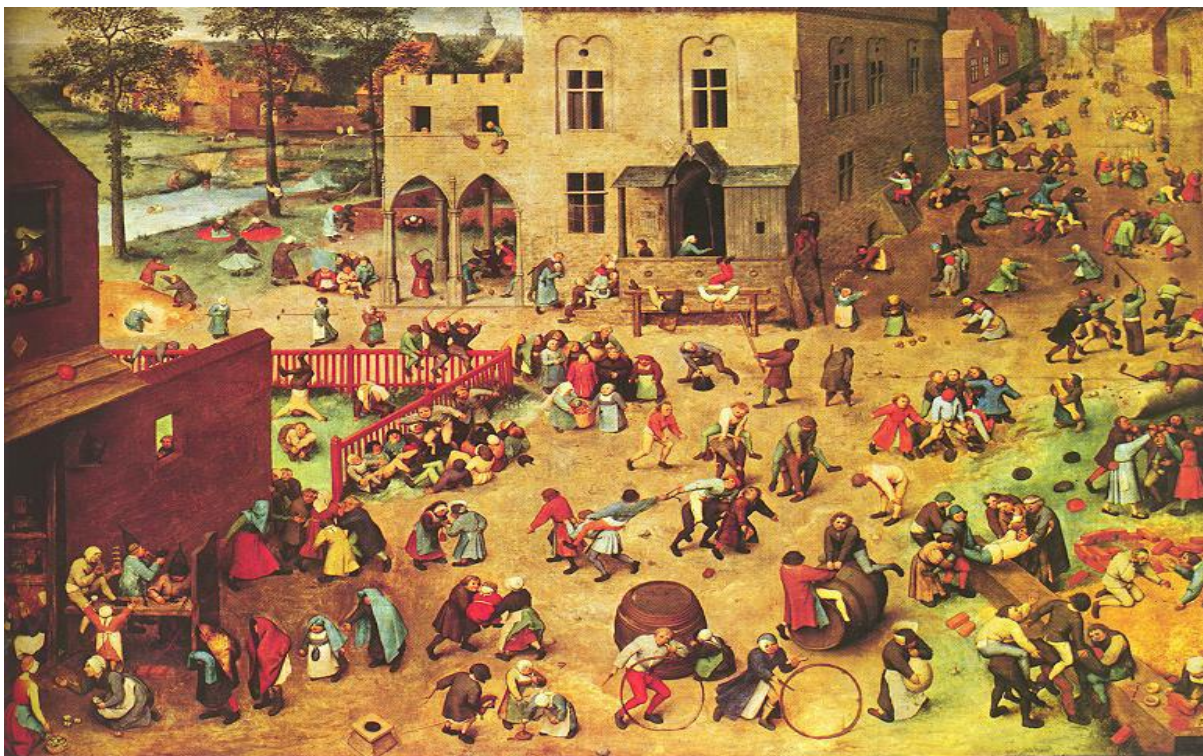


Cabo de guerra



Pulando corda

Após as vivências das brincadeiras, solicitei que os educandos analisassem a obra “Jogos Infantis” do artista Pieter Bruegel (1560) com o objetivo de que os educandos encontrassem ou reconhecessem na obra algumas brincadeiras citadas no mapeamento.

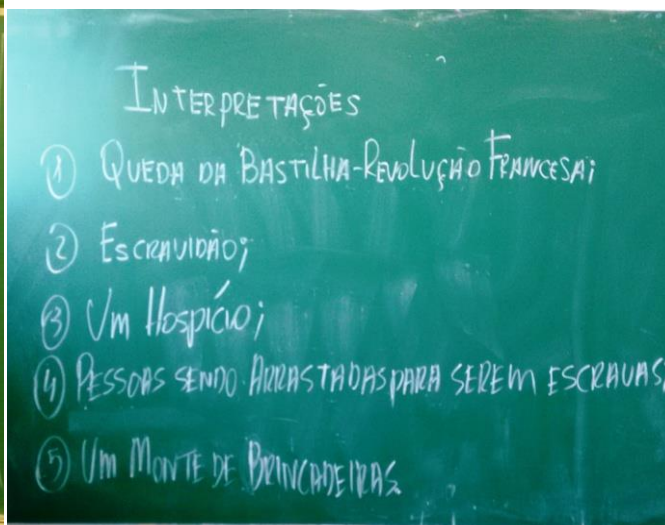
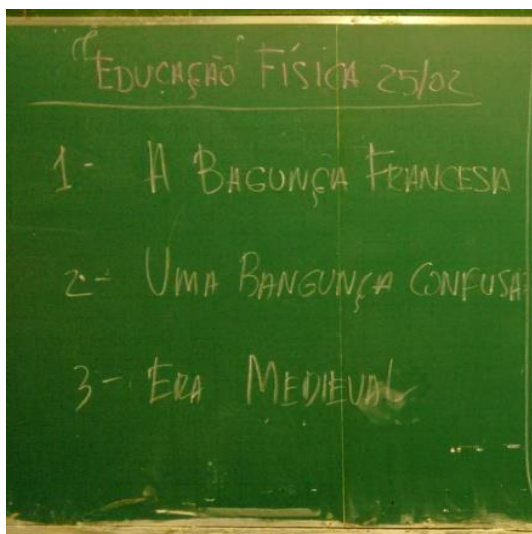


Jogos infantis de Pieter Bruegel, 1560

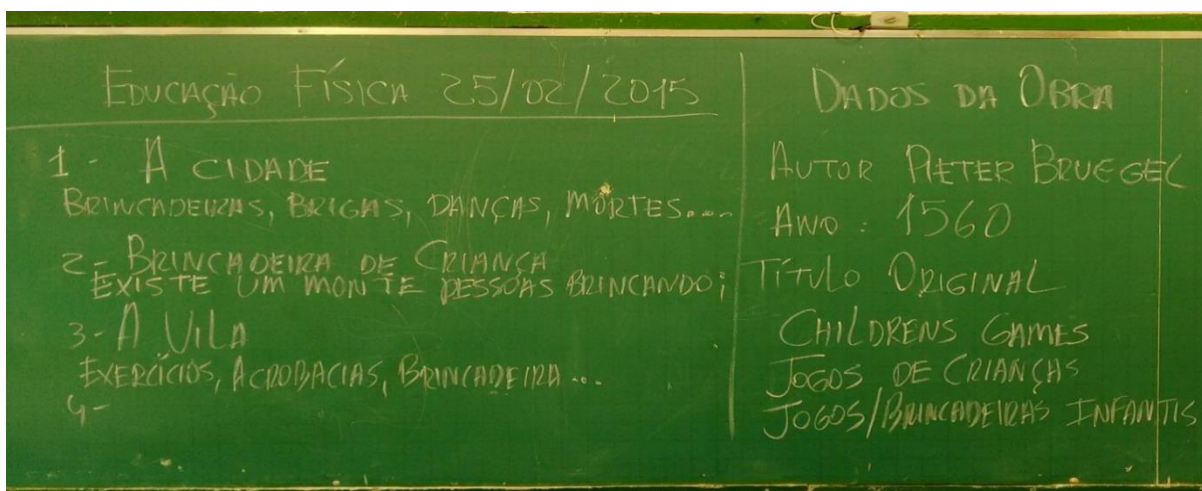
Para análise da obra, solicitei que os educandos formassem pequenos grupos, com a imagem da obra em mãos, perguntei se alguém já tinha visto em algum lugar aquela imagem, a resposta foi não, apenas uma aluna comentou que tinha vista a imagem no 4º ano em uma escola do nordeste. Então pedi para eles fazerem uma análise livre, ou seja, que eles observassem a imagem e relatassem as suas impressões ou deduções, e dessem um título para obra.



Educandos analisando a imagem da obra Jogos Infantis de Bruegel.



Títulos⁶ e interpretações que os educandos colocaram na imagem “Jogos Infantis”.



Títulos e interpretações que os educandos colocaram na imagem e dados da obra.

Após cada grupo ter compartilhado com os colegas suas interpretações sobre a obra, coloquei na lousa os dados da obra. Depois de conhecerem os dados da obra, solicitei que educandos identificassem as brincadeiras que aparecem na obra.

As brincadeiras identificadas pelos grupos foram: cavalinho, gangorra, brincadeira com roda, jogos com bola, bolinha de gude, balança caixão, pula sela, taco, pega-pega, planta bananeira, juntos colados, cadeirinha, briga de galo, corredor da morte, corrente, pião, cada macaco no seu galho, boneca, esconde-esconde, bambolê, moto humana.

Concluída a identificação das brincadeiras, perguntei para os educandos quem era as pessoas que estão brincando. Muitos voltaram a analisar a imagem com objetivo de identificar

⁶1) **A Bagunça Francesa** – Uma cidade muito bagunçada com brigas, muito tumulto entre os moradores, alguns até desesperados. Existe muita troca de produtos e roubos, o mais engraçado é que as crianças brincam como se nada tivesse acontecendo; 2) **Uma Bagunça Confusa**– muitas pessoas brincando, outras comendo, dançando, trabalhando e etc. Também aparece pessoas roubando e batendo uma nas outras; 3) **Era Medieval** – lugar pobre do reino onde crianças brincam e adultos trabalham.

quem eram as pessoas. Enquanto a procura incessante dos personagens acontece, os alunos e alunas comentam:

- *Nossa, parece que todo mundo é igual;*
- *Professor não tem criança nenhuma aqui (na imagem);*
- *Tá (está) difícil achar, pois todo mundo se veste igual;*
- *Já sei, as crianças são as pessoas menores e os adultos são as maiores;*
- *Professor como vou saber se todos estão vestidos com roupas parecidas?*

Perguntei para as turmas porque as pessoas que aparecem na obra são parecidas? O que difere uma das outras? É a cor das roupas e/ou o que elas estão fazendo? A resposta mais comum foi - era a moda daquela época.

Então li para os educandos alguns trechos do texto “A maquinaria escolar”⁷ para explicar as semelhanças e as poucas diferenças entre adultos e crianças daquela época.

Conforme VARELA e ALVAREZ-URIA (1996)

Na Idade Média não existia uma percepção realista e sentimental da infância: "a criança" desde que era capaz de valer-se por si mesmo integrava-se na comunidade e participava, na medida em que suas forças o permitiam, de suas penalidades e alegrias (p.4).

Então comentei com educandos que naquela época (século XVI), as crianças não eram vistas como as crianças que vemos hoje, ou seja, naquela época não existiam vestimentas que diferenciavam as crianças dos adultos e nem os cuidados que existem nos dias atuais para essa fase da vida (infância), e o que diferenciavam as crianças dos adultos naquele momento eram as atividades que eles realizavam. Também enfatizei que as crianças eram vista como “adulto em miniatura” e ainda nos dias atuais, em alguns momentos podemos enxergá-las e compará-las como miniatura de pessoas adultas.

Perguntei (para eles), quando você vê um menino na igreja usando roupa social (paletó/blazer e gravata) o que vocês dizem? Vocês o comparam com o pastor e o chama de *pastorzinho*. Agora se vissem a criança em um casamento, vocês a chamariam e/ou comparam o menino e a menina com os noivos, os chamando de *noivinhos*. Já em outras ocasiões, o menino é poderá ser chamado de *homenzinho* e a menina de *mocinha*.

⁷ Os trechos do texto lido aos educandos foram colocados neste relatório em formato de citações diretas (VARELA e ALVAREZ-URIA, 1996) e se encontram nas paginas 6 e 7. Texto completo encontra-se disponível em <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/maquinaria.pdf> Acessado em: 19/09/2015.

Quanto às roupas/vestimentas, VARELA e ALVAREZ-URIA (1996), segundo Aires, comenta:

...que até finais do século XVI os pequenos, meninos e meninas, utilizam o mesmo tipo de indumentária que os adultos de sua classe. Será a partir do século XVII que o menino nobre ou burguês deixa de se vestir como os adultos iniciando-se assim uma moda particular para ele, pois são os meninos, e não as meninas, os primeiros a quem afeta a especialização no vestir, do mesmo modo que serão os primeiros em freqüentar os colégios. Os meninos artesãos e camponeses, que vagueiam por ruas e praças, recolhem-se em cozinhas e tabernas, vestem-se até a entrada do século XIX igual aos adultos, a quem continuam unidos pelo trabalho e pelas diversões. (p.5).

Para os educandos, as crianças sempre se vestiram diferente dos adultos. E agora entendiam o porquê na obra “Jogos Infantis” de Bruegel (1560), as pessoas (crianças e adultos) se vestem de forma semelhante e que as mudanças das vestimentas infantis foram de longo prazo, se iniciando no final do século XVI para a classe alta e para classe baixa a mudança de vestimenta começam no início do século XIX.

Voltamos para quadra de instituição, para vivenciarmos outras brincadeiras sugeridas pelos educandos – rouba-bandeira, timinho/golzinho⁸ e tênis.



Rouba-bandeira/Pique-bandeira

⁸ Jogo de Futebol Rua.

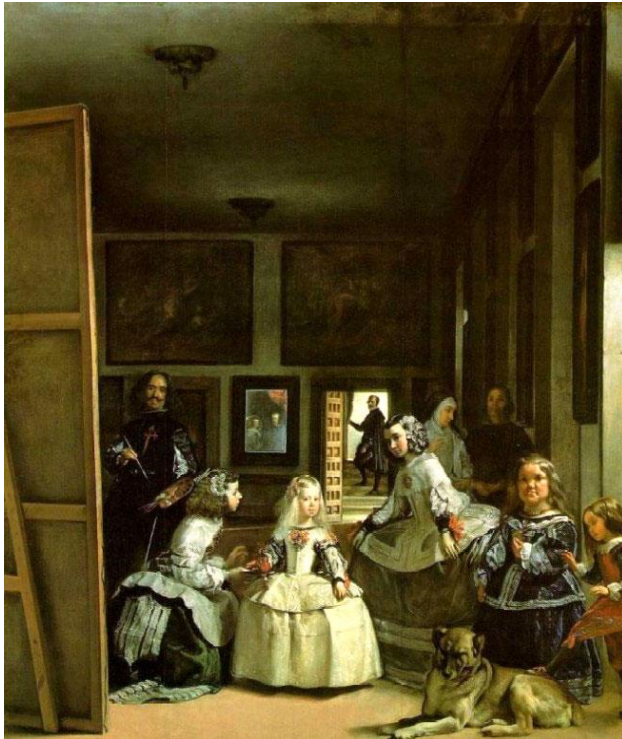


Timinho/golzinho – futebol de rua



Tênis

Para perceber as mudanças nas vestimentas das crianças após a vivência das brincadeiras sugeridas, voltamos analisar as imagens de duas obras – *As meninas* (Velásquez, 1656) e *A família do artista* (Renoir, 1986).

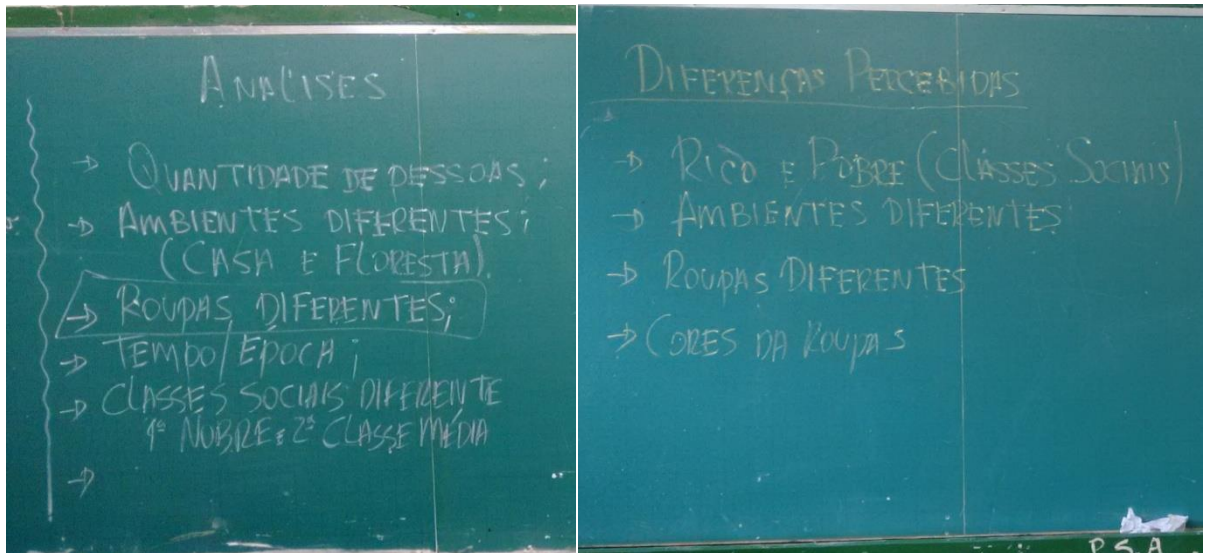


As meninas – Velásquez (1656)



A Família do artista - Renoir (1896).

Para análise das obras⁹, solicitei que os educandos formassem grupos e conversassem entre eles sobre as diferenças encontradas entre as duas imagens, após as diferenças percebidas serem apontadas pelos participantes de cada grupo, que as mesmas fossem compartilhadas com os demais grupos.



Diferenças notadas pelos educandos nas imagens.

Agora compreendido que as mudanças nas vestimentas das crianças e no tratamento/cuidados que elas recebem são de longo prazo, e que isso também depende da

⁹ As imagens das obras foram disponibilizadas em folha de papel sulfite e em formato fotográfico (arquivo JPEG) por meio do Bluetooth para os telefones celulares dos educandos.

posição social e econômica que elas (crianças e família) estão inseridas. Comentei com os educandos que essas mudanças também ocorrem nas brincadeiras. Na aula seguinte, fomos à quadra realizar mais algumas brincadeiras sugeridas pelos educandos.



Queimada



Artilheiro – jogo do futebol de rua.



Balanço.

Depois das vivências de mais algumas brincadeiras, voltamos analisar a questão proposta anteriormente¹⁰, com o objetivo de mostrar aos educandos que as pessoas brincavam por outros motivos, além daqueles citados por eles.

¹⁰ Por quais motivos as pessoas brincam e/ou jogam? Para os alunos e alunas, os motivos continuavam os mesmos que foram apontados anteriormente (vontade, diversão, queimar calorias, exercitar o corpo, stress, tédio, lazer, animar, up grade, auto-estima, passar o tempo e outros).

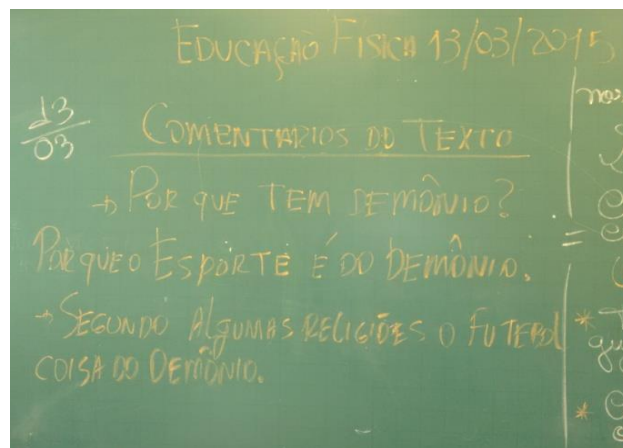
Para esta atividade, realizamos a leitura do texto “As origens do esporte”¹¹, escrito RUBIO (2001). Segundo a autora, “para os sábios chineses a dança e a música serviam para manter a ordem do mundo” e já para os índios mexicanos o salto em altura sugeria o crescimento das espigas de milho.

Os educandos ficaram surpresos ao perceberem que algumas atividades como a corrida, a dança, o salto em altura e os jogos com bola, tinham o cunho religioso/ritualístico, que as brincadeiras e jogos asseguravam o bem-estar com os deuses, colheitas fartas e o livramento de alguns males. Rubio (2001), comenta:

Também o jogo de futebol deve ser incluído na lista de ações ruidosas para dispersar maus espíritos. Em sua origem, na Inglaterra, o futebol era jogado ao anoitecer, no interior das aldeias, ao longo da via principal, de Leste para Oeste, acompanhado do maior ruído possível, levando os comerciantes a fechar seus negócios. As autoridades eclesiásticas como leigas se viram obrigados a intervir proibindo a sua prática. Também pelo período em que se jogava, no norte da França e na Inglaterra, indica uma procedência ritual: na época do Natal, como proteção contra os demônios, e na Páscoa, para comemorar o fim do inverno.

Quando as crianças fazem o uso do movimento para brincar ou usam objetos que giram e fazem barulho, elas repetem aquilo que era primitivamente destinado a fins mágicos e que foram perdendo essa finalidade com o decorrer do tempo (pág.110).

Durante a conversa, um dos alunos questionou por que o texto cita “demônio”. Então perguntei para os educandos se eles sabiam responder a pergunta do colega, alguns alunos citaram que são algumas pessoas evangélicas que falavam que o futebol e todos os esportes são coisas do demônio, o jogo é coisa do diabo. Questionando eles, para saber o porquê que algumas pessoas evangélicas acham que jogar é coisa do diabo e como essas pessoas começaram a pensar assim, ou seja, o que faz as pessoas pensarem que jogar futebol é coisa diabólica? Segundo os alunos, elas aprendem isso na igreja.

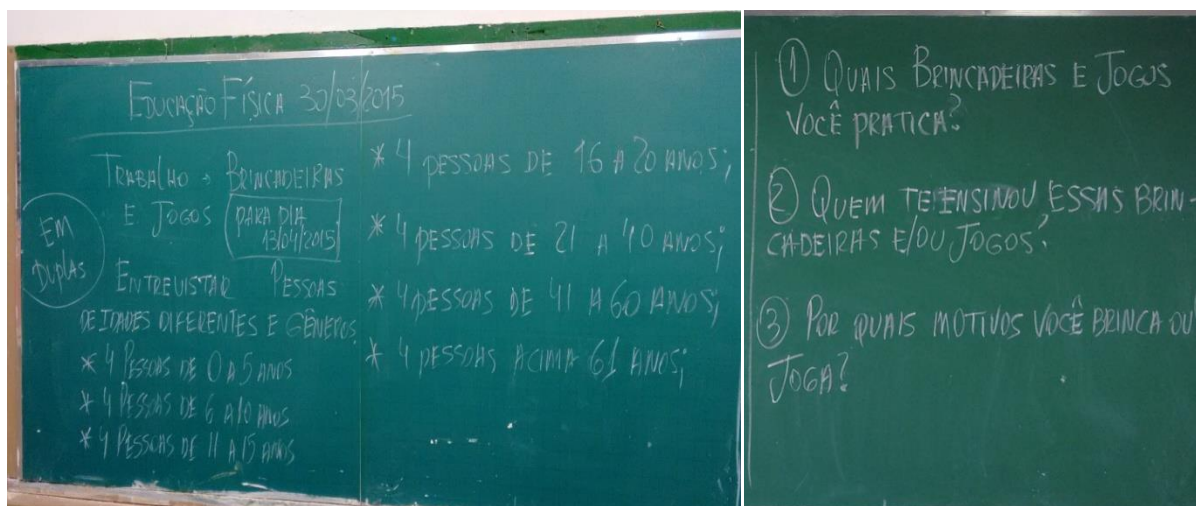


¹¹ In: Da Gênese ao Esporte Contemporâneo, no livro – O Atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo, 2001.

Comentei como a igreja pode ensinar uma coisa dessas! Se o futebol fosse coisa do diabo, o Papa Francisco não torceria por nenhum time. Acredito que todos aqui saibam que o time que ganhou a Copa Libertadores da América de 2014¹², foi o San Lorenzo¹³, o mais conhecido como o time do Papa¹⁴. Voltei a questionar os educandos perguntando:

Então como o futebol poderia ser do diabo? Como o futebol que antes era usado para espantar os demônios (conforme mostra o texto de Rubio, 2001) e agora eles se tornam donos do futebol?

Enquanto selecionava material para entender a construção desse discurso proferida pelos educandos, solicitei que os educandos entrevistassem pessoas de diversas idades¹⁵ e perguntassem a elas: 1) *Quais brincadeiras e jogos você pratica?* 2) *Quem te ensinou essas brincadeiras e/ou jogos?* 3) *Por quais motivos você brinca e/ou joga?*



Pesquisa de campo: público alvo e questionário

Para minha surpresa ao citar a idade das pessoas que deveriam ser entrevistadas pelos educandos, eles me questionaram: - Professor onde vou encontrar pessoas com mais de 61 anos? Não conheço ninguém com essa idade.

¹²A Copa Libertadores da América é o principal torneio de futebol interclubes da América. Organizado pela Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol), a Copa Libertadores da América começou a ser disputada em 1960 com o nome de Copa Campeões da América. Disponível em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-libertadores-da-america/historia-taca-libertadores-da-america.htm>. Acessado em: 05/07/2015.

¹³Clube argentino. Mais informações, disponíveis em: <http://www.ogol.com.br/equipa.php?id=2220>. Acessado em: 05/07/2015.

¹⁴ Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/papa-francisco-festeja-libertadores-do-san-lorenzo-ec4jz79z3wum3ia629ws6cmku>. Acessado em: 05/07/2015.

¹⁵ Cada dupla de estudantes deveriam entrevistar 28 pessoas (sendo 14 do sexo masculino e 14 do sexo feminino), para cada faixa etária seria entrevistada 4 pessoas (sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino). As faixas etárias a serem entrevistadas foram, entre: 3 – 5 anos; 6 -10 anos; 11 – 15 anos; 16 – 20 anos; 21 – 40 anos; 41 – 60 anos; e acima de 61 anos de idade.

Embora achando estranho, a maioria dos educandos dizia não conhecer ninguém com idade acima dos 61 anos, comentei sobre os avôs e avós deles. Também houve aqueles educandos, que comentou: Até parece que minha avó e minha mãe brincam e joga! O professor deve estar de brincadeira com a nossa cara! Embora muitos duvidarem que os avôs, avós e mães brincavam, falei para aguardarmos as informações adquiridas com as pesquisas.

Nas aulas seguintes fomos vivenciar mais algumas brincadeiras (pega-pega e suas variações, e cada um por si – jogo de futebol de rua) sugeridas pelos alunos.



Pega-pega



Pega-pega ajuda-ajuda.



Futebol de rua – cada um por si (em equipe).

Dando sequência ao trabalho, voltamos a comentar sobre como algumas pessoas de determinada religião significam o futebol como coisa maligna. Para isso escolhi dois textos, um que afirma que o futebol é coisa maligna¹⁶ e o outro¹⁷ que vai contra essa afirmação.

Antes de entregar os textos aos alunos, perguntei para eles, se eles concordavam que o futebol é uma coisa maligna, do diabo? Alguns afirmaram que achavam que o futebol era uma coisa ruim mesmo, como eles disseram, coisa do diabo sem sombra de dúvidas. Segundo eles, as mortes e as brigas que acontecem por causa do futebol mostra o quão ruim ele é; já os outros discordaram das opiniões dos colegas, comentaram que brigas e mortes acontecem em todos os lugares, sendo assim tudo seria do diabo e outro aluno comentou que joga no time da igreja que ele frequenta. Após as opiniões, solicitei que os educandos lessem os seguintes textos: *Torcer pra um time de futebol é coisa do diabo?*¹⁸ e *Idolatria Evangélica - A "festa" onde o Senhor não entra.*¹⁹, e escrevessem um texto comentando sobre o tema, a partir da questão apresentada:

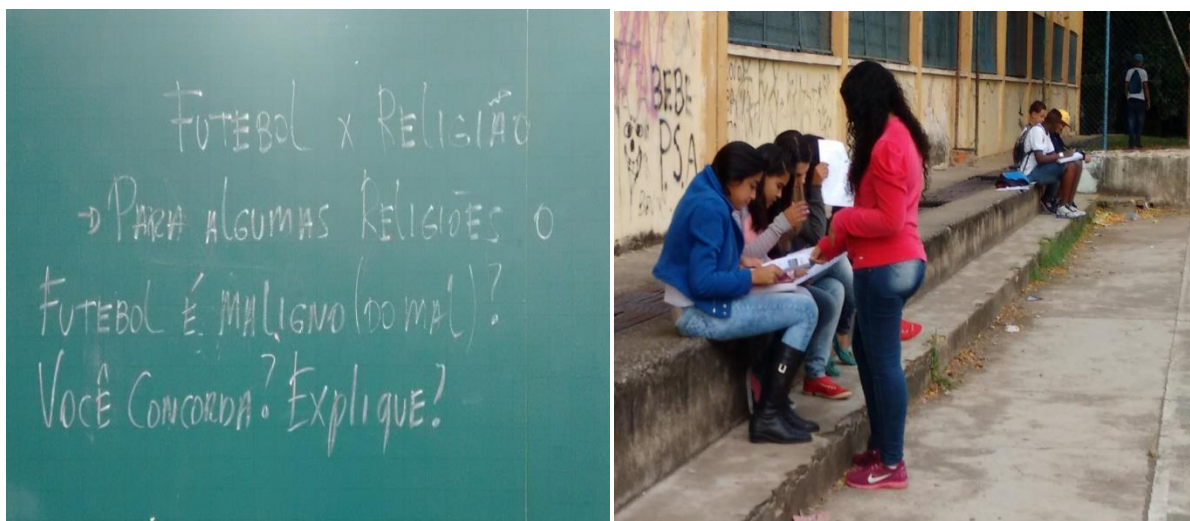
Para algumas religiões o futebol é maligno (do mal). Você concorda? Explique.

¹⁶*Idolatria Evangélica - A "festa" onde o Senhor não entra.* Assinado por Sergio Luiz Brandão. Disponível em: <http://www.blues.lord.nom.br/mensagens-temas-relevantes-the-lord-church-bible/005-tra-futebol-jogador-evangelico-idolatria-pecado.shtml>. Acessado em 23/05/2015.

¹⁷ *Torcer pra um time de futebol é coisa do diabo?* Assinado por Renato Vargens. Disponível em: <http://renatovargens.blogspot.com.br/2012/04/torcer-pra-um-time-de-futebol-e-coisa.html>. Acessado em 23/05/2015.

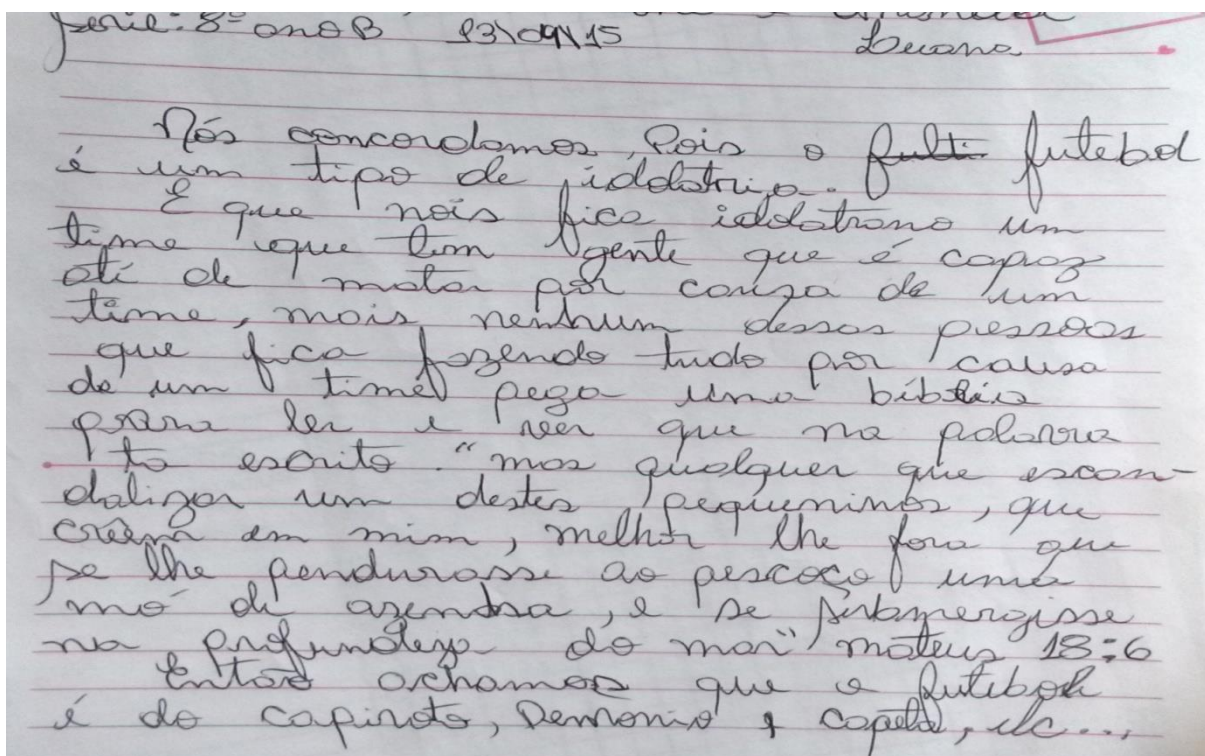
¹⁸ Disponível em: <http://renatovargens.blogspot.com.br/2012/04/torcer-pra-um-time-de-futebol-e-coisa.html>. Acessado em 23/05/2015.

¹⁹ Disponível em: <http://www.blues.lord.nom.br/mensagens-temas-relevantes-the-lord-church-bible/005-tra-futebol-jogador-evangelico-idolatria-pecado.shtml>. Acessado em 23/05/2015.

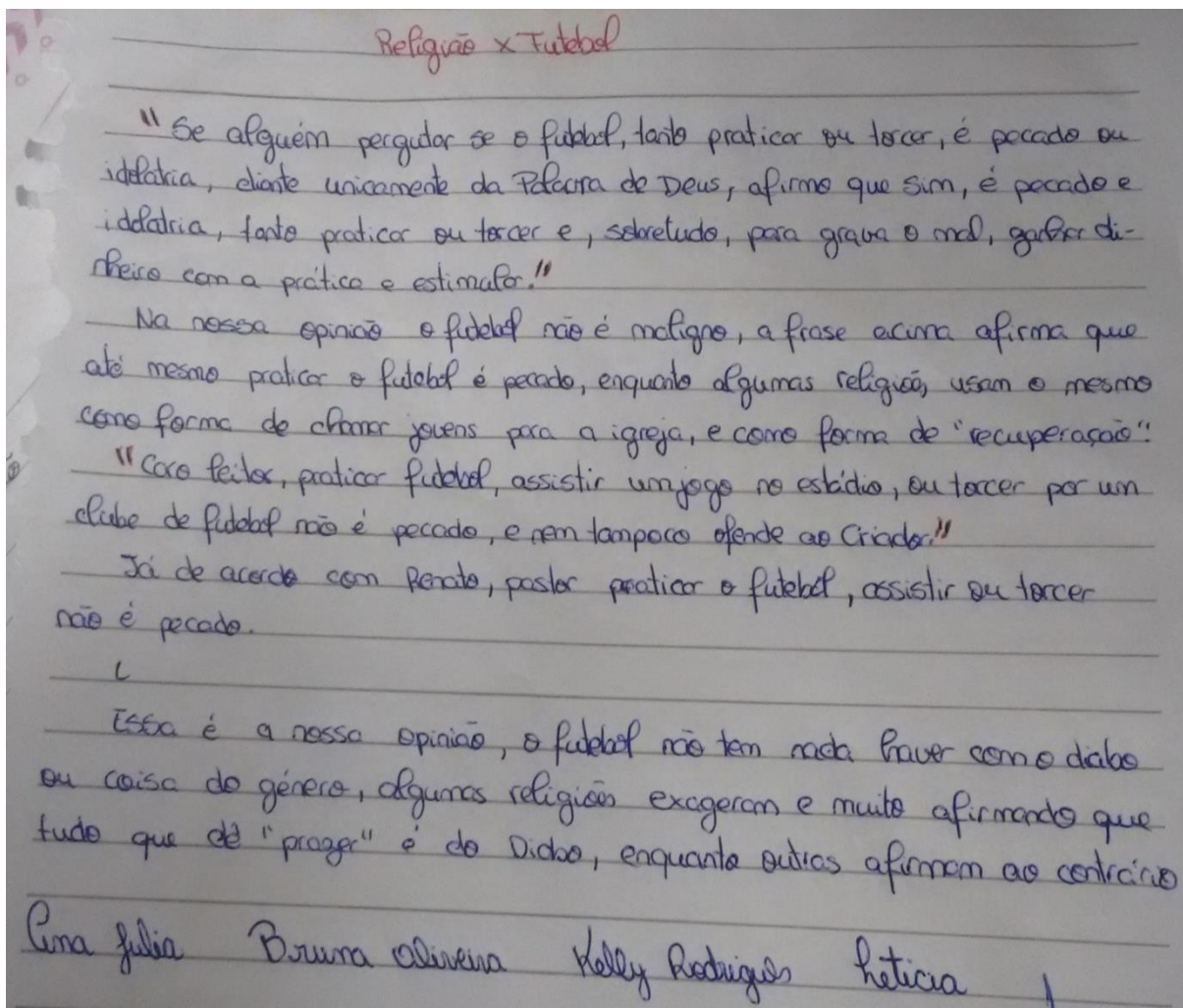


Questão (à esq.) e alunos redigindo suas opiniões (à dir).

Ao ler os textos que os alunos redigiram, percebi que apenas um dos textos concordava com a afirmação presente na questão, enquanto a maioria de se posicionaram contra a afirmação.



Texto escrito por um dos grupos que concorda que o futebol é coisa maligna.



Texto escrito por um dos grupos que discorda que o futebol é coisa maligna.

Na aula seguinte comentamos sobre os textos produzidos pelos educandos e sobre os textos que foram utilizados. Os textos disponibilizados aos educandos também nos possibilitaram compreender como cada segmento evangélico atribui determinados significados e representações do futebol. Para os que afirmam que o futebol é coisa maligna, BRANDÃO confirma

Se alguém perguntar se futebol, tanto praticar ou torcer, é pecado ou idolatria, diante unicamente da Palavra de Deus, afirmo que SIM, é pecado e idolatria, tanto praticar ou torcer e, sobretudo, para agravar o mal, ganhar dinheiro com a prática e estimular, excitar, induzir, alienar, corromper, arrastar, seduzir outros fracos e sem entendimento da Palavra de Deus para tal feito.

VARGENS discorda de BRANDÃO ao afirmar que:

...praticar futebol, assistir um jogo no estádio, ou torcer por um clube de futebol não é pecado, e nem tampouco ofende ao Criador. As Escrituras nos ensinam que somos seres inteiros e livres, e como tais somos chamados a viver uma devocionalidade equilibrada e saudável. É claro, que não convém no domingo você deixar de ir ao culto de sua igreja para ir ao Maracanã, entretanto, não existe nenhum problema em celebrar a vida, a família e os amigos indo ao estádio torcer pelo seu time do coração em datas alternativas. Infelizmente o dualismo dos evangélicos “budificou” a existência, transformando qualquer atividade que se faça fora da igreja como pérfida e sem “graça”. Sem que percebamos parte da Igreja de Cristo demonizou todo tipo de lazer, excluindo da agenda da fé qualquer atividade que possa implicar em risos, festas e celebração.

Na conversa com os educandos, vimos que não podemos generalizar os diferentes grupos (nesse caso específico – os evangélicos), ou seja, não podemos dizer que para todos os evangélicos o futebol tenha uma representação maligna/ruim, mas podemos perceber que para uma parcela dos evangélicos o futebol “pertence ao maligno” e para outra parcela o futebol não tem proprietário. Sendo assim, compreendemos que dentro de um grupo há diferentes grupos. Logo seguimos para mais algumas vivências, sugeridas pelos educandos.





Futebol de rua – jogo golzão.



Voleibol



Voleibol com diferentes quantidades de participantes.



Amarelinha



Vivenciando a brincadeira amarelinha



Brincadeira barra manteiga



Aviãozinho de papel



Brincando de aviãozinho, lembrando da brincadeira vivenciada na infância.

Após as vivências de diversas brincadeiras sugeridas pelos educandos, uma das alunas trouxe para aula diversas bolinhas de gude, onde a mesma sugeriu que jogássemos. Como sabemos que há diversas formas de jogar os diferentes tipos de jogos²⁰ de bolinha de gude. A vivência com a bolinha de gude se prolongou por algumas aulas. Durante as vivências, os alunos jogaram os seguintes jogos: triângulo, mata-mata, embora o jogo pudesse ter o mesmo nome e cada turma jogava com diferentes regras. Em algumas aulas contamos com a participação de outras turmas (4º, 5º, 7º anos²¹).

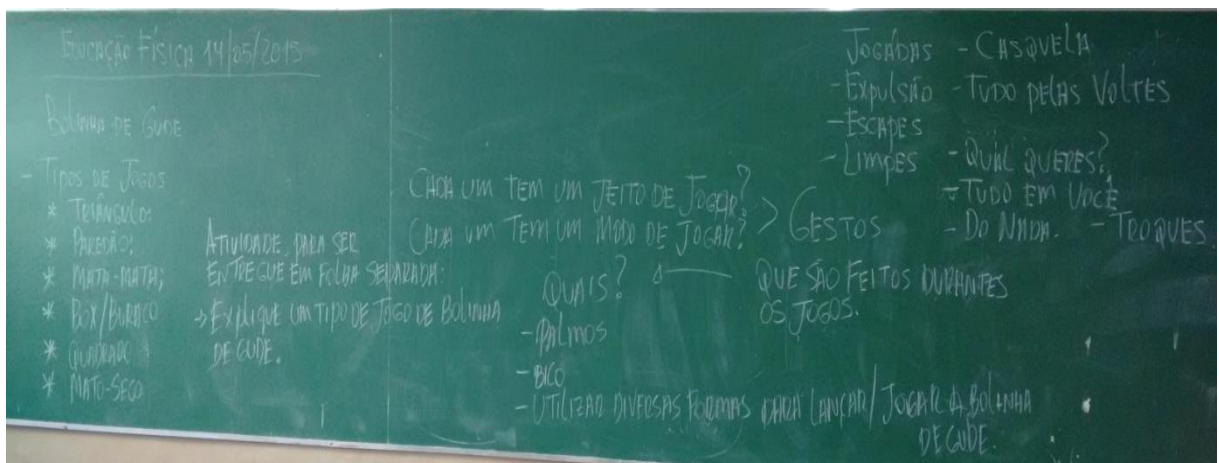
²⁰ Tipos de jogos de bolinha de gude citados pelos educandos: Triângulo, Paredão, Mata-Mata, Box/Buraco, Quadrado e Mato Seco.

²¹ Turmas no qual outro professor de educação física leciona as aulas.



Bolinha de gude - jogo triângulo.

Entre as aulas de vivência dos jogos de bolinha de gude, fizemos um bate papo para discutirmos algumas características da manifestação corporal de movimento vivenciada²² e logo após solicitei que os educandos descrevessem/explicassem um tipo dos jogos de bolinha de gude e suas regras.



Bolinhas de gude e suas características

²² Tipos de jogos conhecidos pelos educandos (triângulo, Paredão, Mata-Mata, Box/Buraco, Quadrado, Mato - seco), gestos realizados no jogo (palmos) e jogadas e recursos permitidos durante os jogos (expulsão, escapes, limpes, casquela, tudo pelas voltas, qual quiseres?, tudo em você, do nada e troques).

Concluído as vivências com as bolinhas de gude, voltamos a conversar sobre os dados da pesquisa realizada pelos educandos, expus para os educandos alguns resultados da pesquisa, ao todo foram entrevistadas 205 pessoas²³, acima dos 3 anos de idade.

Ao todo os entrevistados citaram que são praticantes de 79 praticas corporais diferentes, entre elas estavam diversas brincadeiras e esportes.

<i>Quem te ensinou a brincar?</i>									
<i>Faixa Etária</i>	<i>03 a 05</i>	<i>06 a 10</i>	<i>11 a 15</i>	<i>16 a 20</i>	<i>21 a 40</i>	<i>41 a 60</i>	<i>61+</i>	<i>Total</i>	<i>Proporção</i>
Familiares	14	16	8	12	16	13	13	92	33,57%
Amigos	9	19	22	20	17	19	8	114	41,60%
Professor	1	7	6	6	19	3	0	42	15,32%
Sozinho	4	1	10	1	5	1	4	26	9,48%
Total de resp.	28	43	46	39	57	36	25	274	99,97%

* Alguns entrevistados citaram mais de uma resposta, por exemplo amigos e familiares ou professores e amigos.

Os mesmos responderam que aprenderam as brincadeiras e os esportes respectivamente com os amigos (41,60%), familiares (33,57%), professores (15,32%) e sozinhos (9,48%), ou seja, em linhas gerais com a entrevista, podemos perceber que os principais personagens na transmissão²⁴ ou ensino das brincadeiras são os amigos, seguido pelos familiares²⁵. CARVALHO e PONTES (2010, p. 21) afirmam que “a transmissão cultural é mais efetiva entre parceiros de idades mais próximas do que entre adultos e crianças”. Embora os amigos e os familiares representem uma parte significativa na transmissão das brincadeiras, vimos que os professores tem pouca representatividade no ensino das manifestações corporais de movimentos citadas. A partir dos dados apresentados na aula, organizei as aulas seguintes em outros formatos.

²³ Quantidade dos entrevistados nas seguintes das faixas etárias.

<i>Entrevistados</i>									
<i>Gênero / Idade</i>	<i>03 a 05</i>	<i>06 a 10</i>	<i>11 a 15</i>	<i>16 a 20</i>	<i>21 a 40</i>	<i>41 a 60</i>	<i>61+</i>	<i>Total</i>	<i>Proporção</i>
Masculino	15	17	15	12	16	14	14	103	50,24%
Feminino	10	15	15	15	15	16	16	102	49,75%
Total entrevist.	25	32	30	27	31	30	30	205	99,99%

²⁴ Está transmissão pode acontecer de diversas formas, entre elas oralmente e por observação.

²⁵ Mães, pais, avós, avós, tias, tios, primos, primas.

Por quais motivos você brinca?*

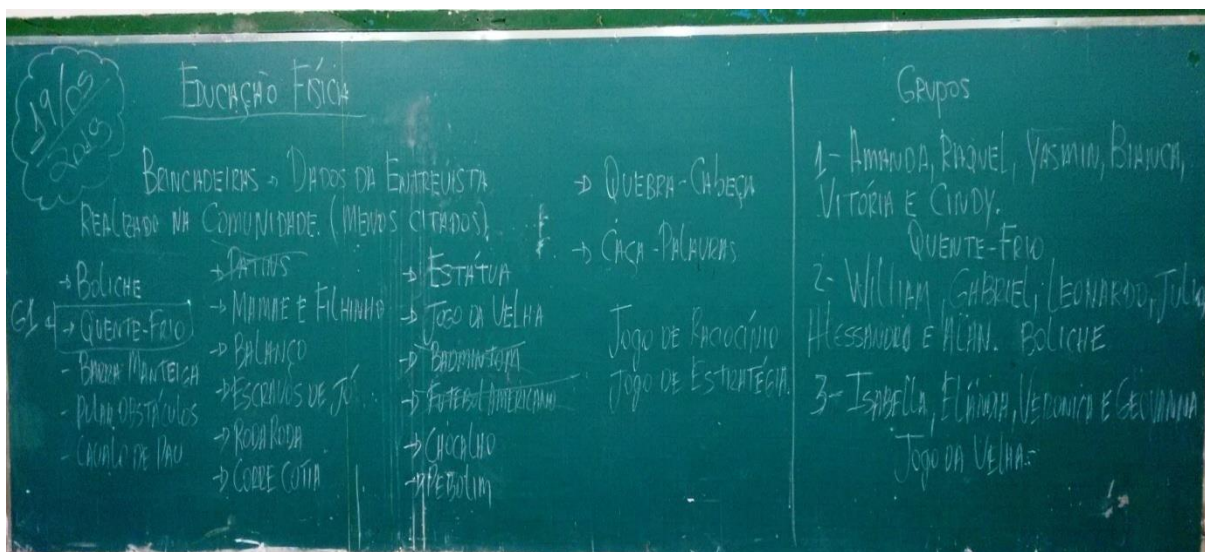
Faixa Etária	03 a 05	06 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 40	41 a 60	61+	Total	Proporção
Diversão	27	26	29	29	28	22	17	178	83,56%
Saude/ Exercício	1	2	2	4	3	4	12	28	13,14%
Outros ¹	0	1	1	0	0	4	1	7	3,28%
Total de resp.	28	29	32	33	31	30	30	213	99,98%

* Alguns entrevistados citaram mais de uma resposta, por exemplo diversão e exercício para saúde.

¹ Ganhar nota nas aulas de educação física; Ser profissional; e outros não souberam responder

O lazer é o principal motivo que levam as pessoas entrevistadas brincarem ou praticarem alguma modalidade esportiva, seguido de outras atividades físicas com foco na saúde. Outros entrevistados citaram que praticam determinado esporte para: ser um atleta profissional; ganhar nota nas aulas de educação física e outros não souberam responder a questão.

Na aula seguinte, coloquei no quadro as manifestações corporais que foram citadas²⁶ apenas uma única vez pelos entrevistados e dividimos as turmas em pequenos grupos. O objetivo de vivenciar as brincadeiras menos citadas ou comentadas era trazer para dentro da escola, culturas corporais que poucas vezes estão presentes no currículo da educação física escolar. Enquanto eu escrevia no quadro, alguns educandos comentavam - *nossa brincadeira de criancinhas!* Outros desconheciam algumas brincadeiras como: 7 pecados, barra-manteiga, escravos de Jô e outras.



Brincadeiras e esportes citados nas entrevistas e organização dos grupos.

²⁶Boliche, quente-frio, barra manteiga, pular obstáculos, cavalo de pau, patins, mamã e filhinho, balanço, escravos de Jô, roda-rodinha, corre cotia, estatua, jogo da velha, badminton, futebol americano, chocalho, pebolim, quebra-cabeça, caça-palavras, jogo de raciocínio e de estratégia.

Com os grupos definidos, excluímos as praticas corporais (patins, pebolim, futebol americano, badminton) que não era possível serem realizadas na instituição, algumas por falta de materiais e equipamentos que possibilitassem a participação de todos educandos da turma, assim cada grupo escolheu uma brincadeira. Escolhida a brincadeira, cada grupo devia pesquisar a origem da brincadeira e suas regras e na semana seguinte cada grupo deveria contar para a turma, as origens das brincadeiras pesquisadas e organizar a brincadeira para que todos da turma pudessem participar. Durante as apresentações tivemos a participação de outras turmas.



Educandos apresentando os trabalhos para a turma



Barra manteiga



Corre - cotia



Mímica



Corrida com obstáculos



Boliche



Roda- roda



Jogo da velha

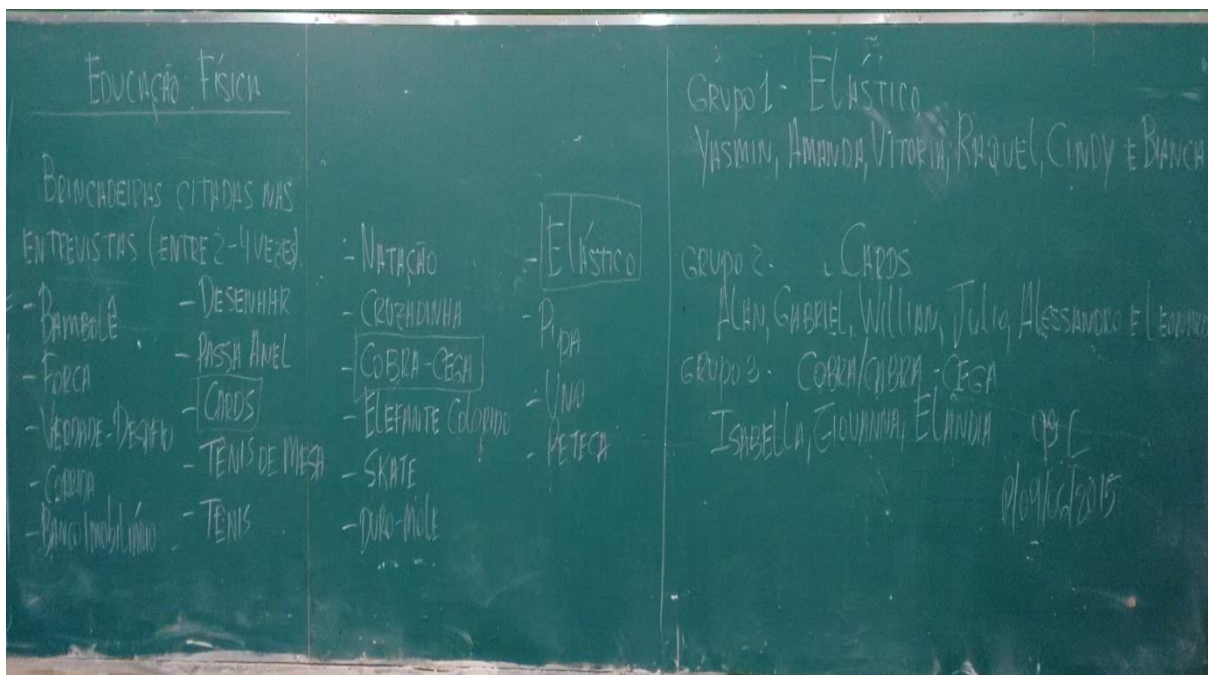


7 pecados

Após os grupos apresentarem e organizarem as vivências, conversei com os educandos sobre as apresentações, a maioria deles avaliaram como uma atividade diferente, legal e boa, pois além deles organizarem as atividades, eles puderam contar com a participação de outras turmas durante as atividades.

Quando questionados sobre a possibilidade fazer novas apresentações repetindo o formato das apresentações realizadas nas aulas anteriores, a maior parte dos educandos aceitou. Na semana seguinte, voltei apresentar outras brincadeiras e esportes²⁷ que foram citadas (entre duas e quatro vezes durante as entrevistas) e reorganizamos novos grupos.

²⁷ Bambolê, forca, verdade-desafio, corrida, banco imobiliário, desenhar, passa anel, cards, tênis de mesa, tênis, natação, cruzadinha, cobra-cega, elefante colorido, skate, duro-mole, elástico, pipa, uno e peteca.



Brincadeiras e esportes citados nas entrevistas e reorganização dos grupos.

Nas aulas seguintes os educandos voltaram a realizar novas apresentações com outras manifestações corporais citadas nas entrevistas: cobra-cega, verdade-desafio, passa-anel, força, elástico, Peteca, tênis, corrida, duro-mole e cards.



Verdade – desafio



Cobra-cega



Passa Anel



Força



Elástico



Tênis



Corrida



Cards



Duro-mole



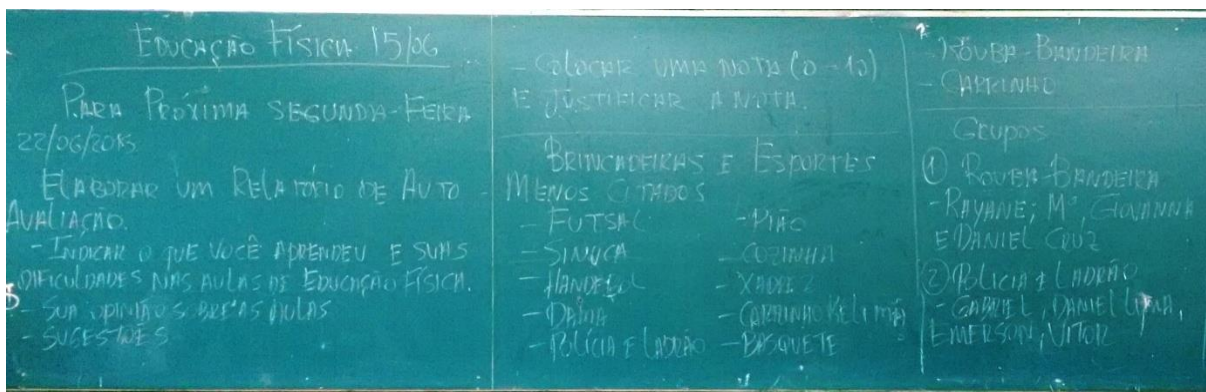
Peteca²⁸

Concluída a segunda apresentação da turma, na semana seguinte voltamos a vivenciar uma das brincadeiras e/ou esportes apresentados pelas turmas. Após as vivências, solicitei que os educandos realizassem um relatório de auto-avaliação²⁹ e trouxe para os educandos outras brincadeiras e esportes citados³⁰ na entrevista com a comunidade local - futsal, sinuca, handebol, dama, polícia e ladrão, pião, cozinha, xadrez, carrinho de rolimã, basquete, rouba-bandeira e carrinho. Os quais alguns foram apresentados pelos educandos nas aulas seguintes.

²⁸ Durante a apresentação os educandos optaram por utilizar as raquetes disponíveis para brincar com a peteca, pois tinha objetivo de mostrar para os colegas da turma que é possível brincar com a peteca de várias e diferentes formas.

²⁹ Neste relatório, os educandos deveriam indicar o que aprenderam nas aulas de educação física durante o primeiro semestre, dificuldades encontradas durante as aulas, opinião sobre as aulas e sugestões para o próximo semestre letivo do ano de 2015. Será comentado mais a frente no trabalho.

³⁰ As brincadeiras e esportes citados nas entrevistas foram citados entre 5 (cinco) e 9 (nove) vezes.



Auto-Avaliação e outras brincadeiras e esportes citados durante entrevista na comunidade local.



Handebol



Pólicia e Ladrão



Rouba-Bandeira



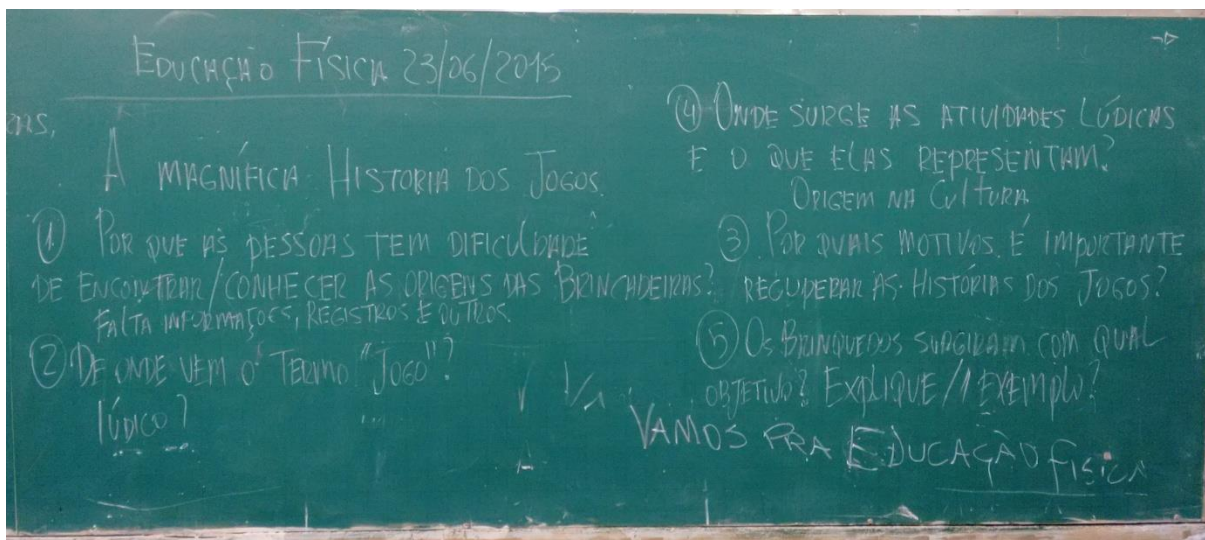
Futsal

Com as apresentações concluídas, na aula seguinte, comentei com os alunos e alunas que em todas as apresentações teve alguém que teve não conseguiu achar a origem de algumas brincadeiras. Quando questionados por quais motivos eles não encontravam, eles diziam que era porque não existiam origens. Também questionei se as brincadeiras que eles apresentaram para as turmas sempre foram daquela forma? Todas as brincadeiras foram criadas pelos mesmos motivos/causas? Eles disseram que não, já que o futebol antigo foi utilizado para espantar os espíritos malignos e hoje o futebol é utilizado como diversão para uns e trabalho para outros. Enquanto correr era uma necessidade de sobrevivência, hoje muitas pessoas brincam e outras são atletas de corridas, ou seja, agora corrida é um esporte.

As pesquisas possibilitaram os educandos compreenderem que as brincadeiras mudam com o passar do tempo e local em que ela é praticada.

Nesta aula, solicitei que os educandos lessem - *A magnífica história dos Jogos: presentes desde a Antiguidade, os jogos revelam aspectos culturais, sociais e econômicos das sociedades que os desenvolveram*³¹.

³¹ Escrito por Maria Angela Barbatto Carneiro, professora titular e coordenadora do Núcleo de Estudos do Brincar da PUC-SP. Disponível em: <http://www.cartafundamental.com.br/single/show/357/a-magnifica-historia-dos-jogos-> Acessado em 03/07/2015.



Algumas questões sobre o texto.

A partir da leitura, coloquei algumas questões³² no quadro para discutimos alguns pontos do texto que possibilitaram os educandos conhecer: um pouco mais sobre as dificuldades encontradas para conhecer as origens das brincadeiras; a importância de conhecer e recuperar as histórias das brincadeiras; origem do termo “jogo” e surgimento das atividades lúdicas; origem dos brinquedos, sua utilização e fabricação; os significados que as brincadeiras adquirem em determinadas sociedades, suas proibições pela igreja, utilizações, meios pelos quais elas se propagam por diversas regiões;

Durante o bate papo, vimos que as informações obtidas pelos educandos por meio dos textos eram novas, ficaram surpresos quando eu perguntei se eles consideravam as brincadeiras/jogos como uma atividade séria? A resposta foram as seguintes: Professor, brincadeira é brincadeira; Outros responderam que jamais as brincadeiras seria uma atividade séria, sério é trabalhar, estudar. Então questionei, quando vocês estão jogando futebol e aparece uma pessoa pega a bola do jogo e sai correndo ou fica segurando a bola nas mãos atrapalhando a brincadeira, por que vocês ficam bravos com o infeliz? Já que aquela brincadeira/jogo não é séria? Por que vocês não gostam da pessoa que fica fazendo corpo mole na hora do jogo ou com aquelas que não respeitam as regras?

Os educandos afirmaram que eles ficam bravos porque a pessoa estraga/atrapalha o jogo e que essas pessoas devem ficar fora do jogo.

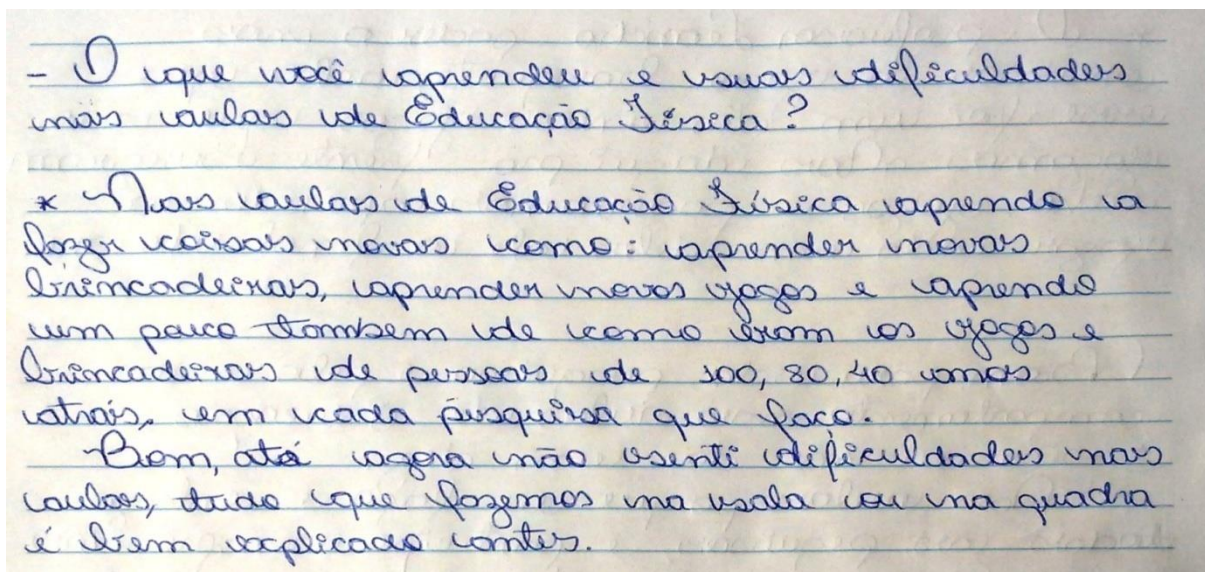
³²1) Por que as pessoas tem dificuldade de encontrar/conhecer as origens das brincadeiras? Por falta de registros e poucas 2) De onde vem o termo “jogo”? 3) Por quais motivos é importante recuperar as histórias dos jogos? 4) Onde surgem as atividades lúdicas e o que elas representam? 5) Os brinquedos surgiram com qual objetivo? 6) Explique como os jogos se espalham pelo mundo? 7) Por quais motivos os jogos foram introduzidos nas escolas? 8) Como era a fabricação dos brinquedos entre os séculos XVII e XVIII? 9) Como as crianças transformam os objetos em brinquedos?

Huizinha(1943), afirma que

O jogador que desrespeita ou ignora as regras é um "desmancha-prazeres". Este, porém, difere do jogador desonesto, do batoteiro, já que o último finge jogar seriamente o jogo e aparenta reconhecer o círculo mágico. É curioso notar como os jogadores são muito mais indulgentes para com o batoteiro do que com o desmancha-prazeres; o que se deve ao fato de este último abalar o próprio mundo do jogo. Retirando-se do jogo, denuncia o caráter relativo e frágil desse mundo no qual, temporariamente, se havia encerrado com os outros. Priva o jogo de ilusão — palavra cheia de sentido que significa literalmente "em jogo" (de inclusio, illudere ou inludere). Torna-se, portanto, necessário expulsá-lo, pois ele ameaça a existência da comunidade dos jogadores (p.14).

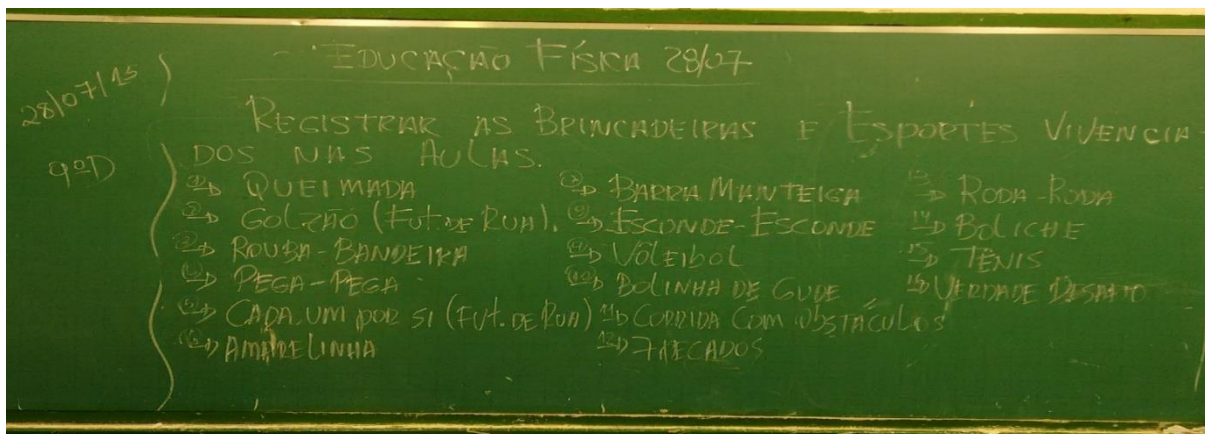
A partir desse momento vimos que as brincadeiras/jogos são atividades sérias e frágeis, embora muitas pessoas ainda olhem estas atividades como algo supérfluo, sem significado algum.

Seguindo para finalização do projeto, comentei com os alunos que no mês de setembro teríamos uma exposição na escola e que precisaríamos expor para a comunidade as atividades realizadas nas aulas de educação física, como sugestões para exposição surgiu à ideia de fazer um painel com fotos das aulas e /ou desenhar em cartaz com todas as brincadeiras vivenciadas nas aulas, fazendo um quadro parecido com a obra “Jogos Infantis” de Pieter Bruegel, 1560. A segunda sugestão foi aceita pelos educandos e programamos para realizar no retorno das férias escolares. Poucos dias antes de iniciar as férias escolares, solicitei que os educandos fizessem uma auto-avaliação dizendo o que aprenderam, suas dificuldades, suas opiniões sobre (percurso realizado) as aulas e sugestões para os próximos bimestres.



Auto-avaliação

Com a auto-avaliação, percebi que a maioria dos educandos citou que aprenderam diversas brincadeiras, algumas delas eles já tinham visto e/ou ouvido falar e outras nunca vivenciadas, ou seja, para muitos deles as aulas de educação física possibilitaram que eles aprenderem coisas novas, vivenciar brincadeiras ou esportes desconhecidos, suas origens e contextos em que eles surgem; compreender como são construídos alguns discursos acerca de determinadas práticas corporais (futebol).



Lista das brincadeiras e esportes estudados e vivenciados nos 1º e 2º bimestres.

Para concluirmos o projeto, solicitei que os educandos confeccionaram painéis³³, desenhando as brincadeiras e esportes estudados e vivenciados nas aulas dos 1º (primeiro) e 2º (segundo) bimestres. Os painéis com as brincadeiras e esportes foram confeccionados em grupos.

³³ Para futura exposição na mostra cultural prevista para meados do mês setembro do mesmo ano, que será realizada pela própria instituição escolar.



Educandos confeccionando painéis com as atividades realizadas nas aulas



Educandos confeccionando os painéis.



Mostra Cultural 2015 – publico apreciando trabalho dos educandos.

Conclusão

Pensando em uma escola como um espaço democrático com diferentes pessoas portadoras de diferentes identidades, comecei o projeto em uma instituição onde por vários anos o “currículo oficial do rola bola” colonizou este espaço e mexer nesse cenário foi uma tarefa árdua, cheia de dúvidas, insegurança, incertezas e resistências algumas transpostas, outras sendo vencido pelo descaso de alguns e por dificuldades de dialogo com os outros. Mas nas idas e vindas deste percurso que por inúmeras vezes foi interrompido pelas resistências encontradas, podemos visualizar outro modelo de educação física com a possibilidade de estudarmos e compreendermos novos conteúdos e não apenas o rola bola.

Referencias Bibliográficas

BRANDÃO, S. L.; *Idolatria Evangélica - A "festa" onde o Senhor não entra*. Disponível em: <http://www.blues.lord.nom.br/mensagens-temas-relevantes-the-lord-church-bible/005-tra-futebol-jogador-evangelico-idolatria-pecado.shtml>. Acessado em 20/09/2015.

BRUEGEL, P.; Children's Games. 1560. Disponível em: <https://www.google.com/culturalinstitute/asset-viewer/children%E2%80%99s-games/CQEEZWQPOI2Yjg?hl=en>. Acessado em 20/09/2015.

CARNEIRO, M. A. B.; A magnífica história dos jogos. Revista Carta Fundamental, nº 64, p. 30 – 33, Dez/ 2014. Disponível em: <http://www.cartafundamental.com.br/single/show/357/a-magnifica-historia-dos-jogos->. Acessado em 20/09/2015.

ESCUADERO, N. T. G.; NEIRA, M. G. **Avaliação da aprendizagem em Educação Física: uma escrita autopoietica.** *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 285 -304, mai./ago. p. 285-304, 2011.

GAZETA DO POVO; **Papa Francisco festeja Libertadores do San Lorenzo.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/papa-francisco-festeja-libertadores-do-san-lorenzo-ec4jz79z3wum3ia629ws6cmku>. Acessado em: 20/09/2015.

GOL, O; **San Lorenzo.** Disponível em: <http://www.ogol.com.br/equipa.php?id=2220>. Acessado em: 20/09/2015.

HUIZINGA, H. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LIMA, M. E; NEIRA, M. G. **O currículo da Educação Física como espaço de participação coletiva e reconhecimento da cultura corporal da comunidade.** *Revista Iberoamericana de Educación*, Madrid, v. 51, n. 5, 2010. p. 01-10.

NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática no ensino – Educação Física.** Volume 8 – Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011.

_____. O ensino da Educação Física na Educação Básica: o currículo na perspectiva cultural. In: MOREIRA, E. C. (org.) **Educação Física escolar: desafios e propostas I.** Jundiaí: Editora Fontoura, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. **Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física.** *Rev. Bras. Ciênc. Esporte.* Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.

_____. **Educação Física, Currículo e Cultura.** 1ªed. São Paulo: Phorte, 2009.

_____. **Praticando Estudos Culturais na Educação Física.** 1ªed. São Paulo: Yendys, 2009.

NETTO, M.; PERASSI, R.; FIALHO, F.; **Estudos semióticos: análise perceptiva e a terceiridade peirceana na obra “Jogos Infantis” de Pieter Bruegel.** *Projética*, Londrina, v.4, n.1, p. 249-266, Jan./Jun. 2013.

QUADRO DE MEDALHAS. História da Copa Libertadores da América. Disponível em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-libertadores-da-america/historia-taca-libertadores-da-america.htm>. Acessado em: 20/09/2015.

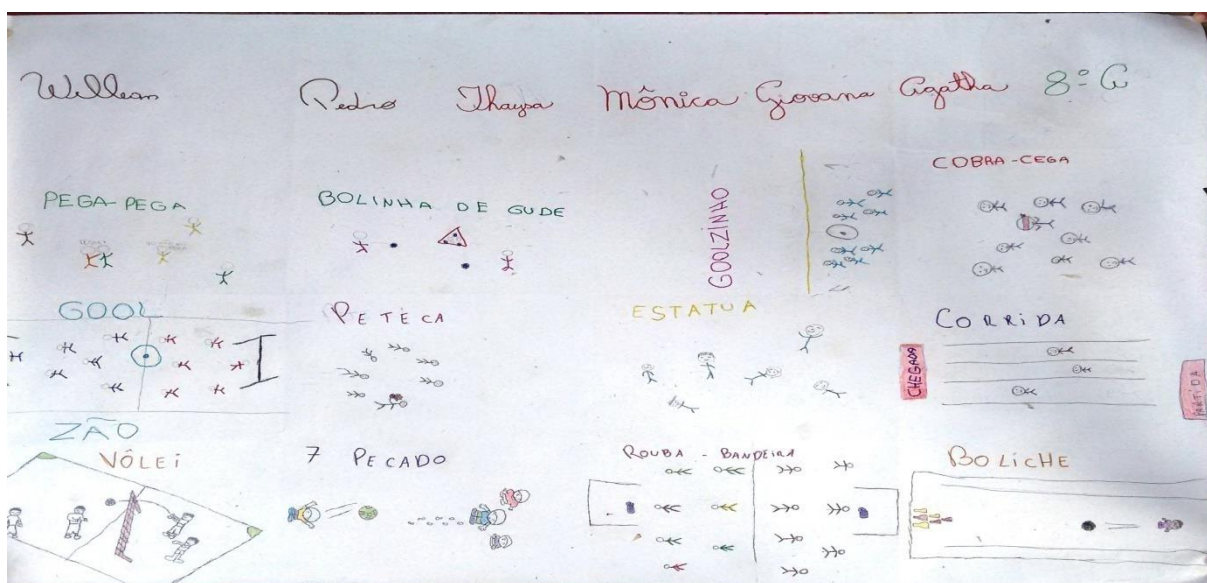
RUBIO, K.; **Origens do Esporte**. In: IV. Da Gênese ao Esporte Contemporâneo. In: O Atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SÃO PAULO (SP). **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.

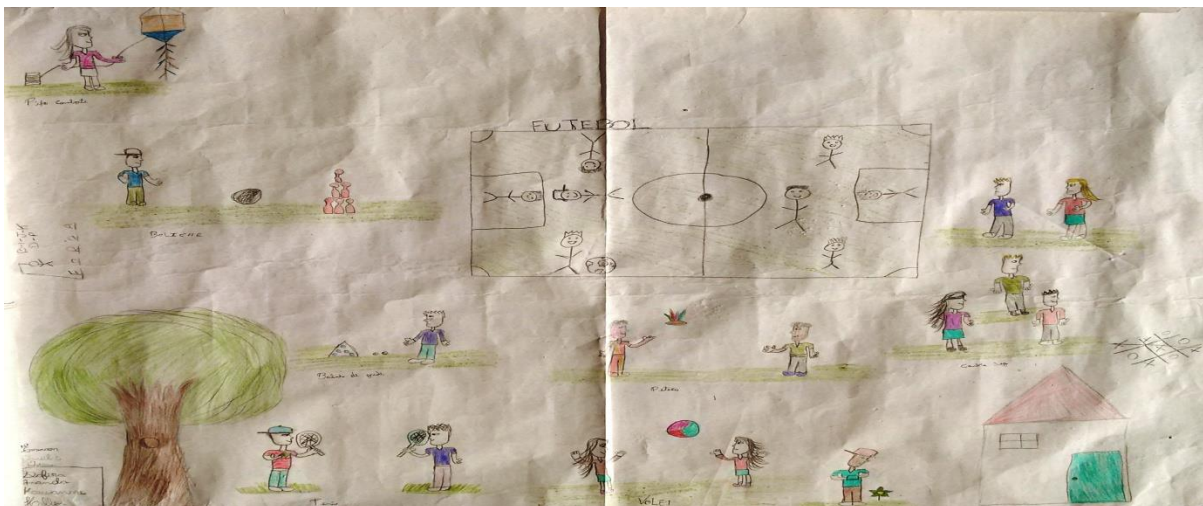
VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 68-96, 1996. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/maquinaria.pdf>. Acessado em 19/09/2015.

VARGENS, R.; **Torcer pra um time de futebol é coisa do diabo?** Disponível em: <http://renatovargens.blogspot.com.br/2012/04/torcer-pra-um-time-de-futebol-e-coisa.html>. Acessado em 20/09/2015.

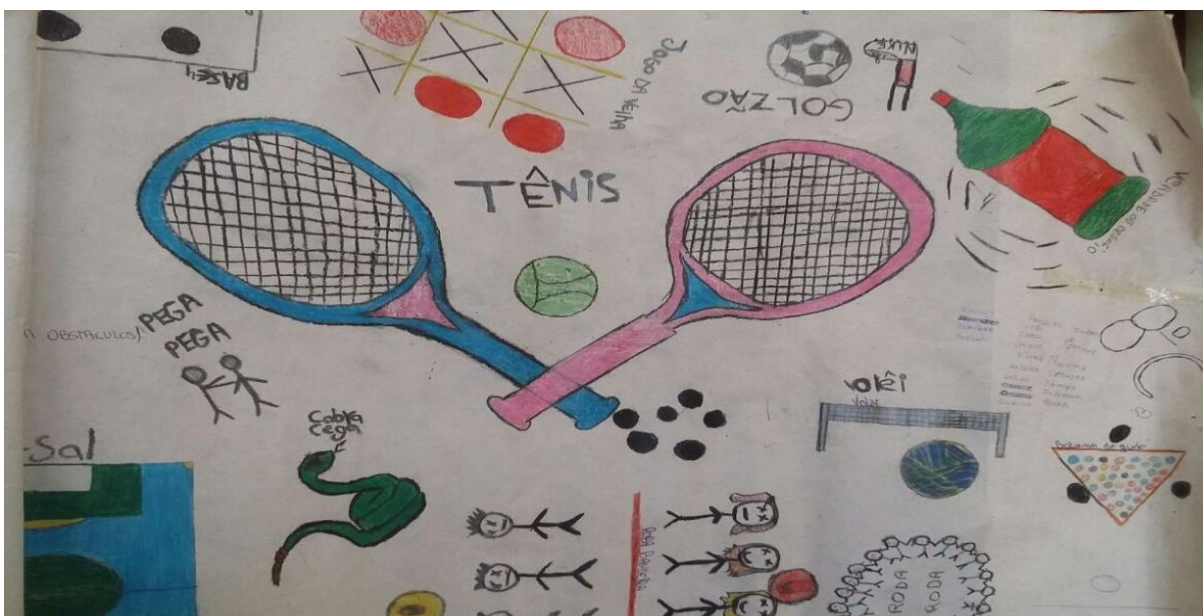
Anexo I



Turma 8ª ano A



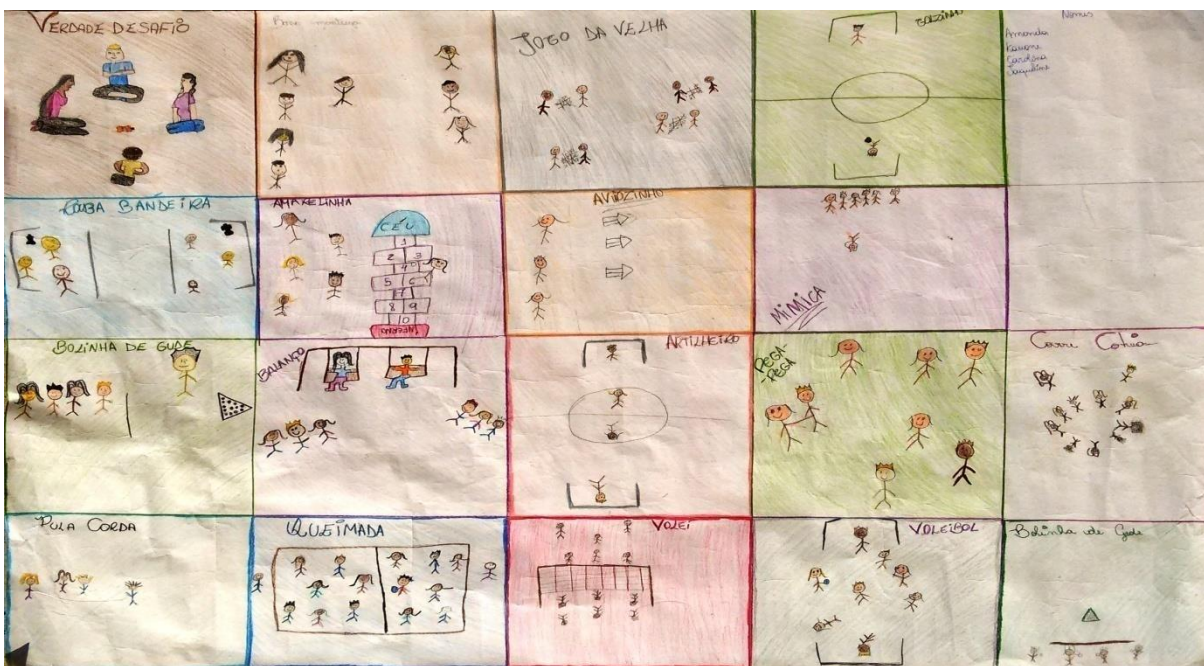
8º ano B



8º ano C



Turma 8º ano D.



Turma 9º ano A.

